

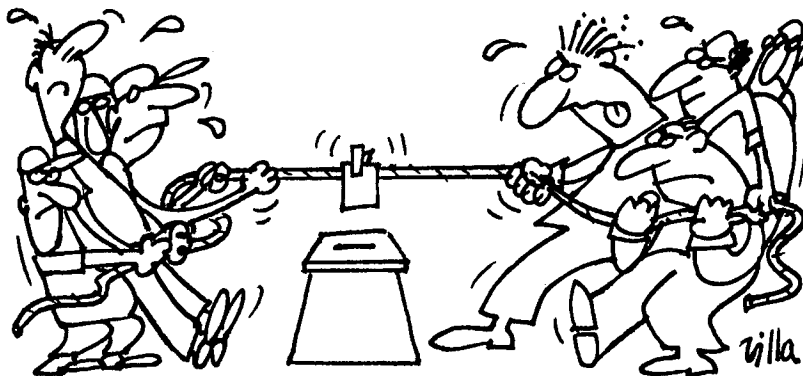
Quem é o eleitor de FHC

ANDRÉ SINGER

Informações colhidas entre o eleitorado paulista no mês de novembro indicam que dois fatores se combinaram para dar a vitória a Fernando Henrique Cardoso no dia 3 de outubro. A tendência conservadora da maior parte dos eleitores e o apoio ao Plano Real (com predomínio deste último) podem ser apontados como determinantes do resultado.

Dados de uma pesquisa conduzida por professores da USP e executada pelo Instituto Toledo e Associados (com 3.000 pessoas entrevistadas no Estado de São Paulo), indicam com clareza o papel desempenhado pelo Plano Real na eleição de Cardoso. Além do voto em FHC estar fortemente associado à satisfação com o Real, uma parte significativa do eleitorado reconhece que o plano teve importância na decisão a favor da coligação vitoriosa.

Outros elementos do perfil do eleitor de FHC confirmam observações a respeito do segundo turno de 1989. Naquela ocasião, ao contrário do que se costuma pensar, o eleitorado dividiu-se segundo linhas que coincidiam com o seu posicionamento ideológico. Os indivíduos que estavam à esquerda tenderam a votar em Lula e os que estavam à direita em Collor. O centro dividiu-se. Em 1994, FHC ganhou de Lula em todos os segmentos ideológicos, menos a esquerda e a extrema-esquerda. A votação do tucano ficou entre 60% e 70% nos grupos do centro para a direita, ten-



TALVEZ ESPANTE O FATO
DE QUE O ELEITORADO
BRASILEIRO PENSE EM TERMOS
IDEOLÓGICOS NA HORA DE VOTAR

dendo a crescer à medida que aumentava o grau de conservadorismo. Assim, não por acaso, há uma intensa associação entre os que votaram em Collor em 1989 e os que escolheram FHC em 1994. Nada menos que 73% dos que declararam haver optado por Collor no primeiro turno de 1989 agora disseram haver preferido FHC. Talvez espante o fato de que o eleitorado brasileiro pense em termos ideológicos na hora de votar. É verdade que a maioria dos cidadãos não consegue explicar o que é esquerda e direita. Perguntados, dizem não saber responder (maioria) ou dão respostas erradas, a julgar pelo padrão culto. No entanto, ao pedir que se posicionem numa escala de 1 a 7, sendo 1 mais à esquerda e 7 mais à direita, encontra-se uma surpreendente coerência entre o posicionamento nessa escala e

outras atitudes políticas dos mesmos indivíduos.

De modo geral, os entrevistados convergem para o centro, a direita é quase o dobro que a esquerda e o voto tende ser correspondente ao ponto em que a pessoa se situa na escala. Isto é, aqueles que estão à esquerda tem mais chances de votar em candidatos à esquerda, o mesmo acontecendo com o lado direito do espectro.

Outros indícios de que os eleitores sabem, intuitivamente, o que significa o contínuo esquerda-direita é que eles tendem a localizar corretamente os partidos políticos dentro da escala de 1 a 7 e rejeitam as greves quanto mais à direita se colocam.

Não se quer com isso absolutizar o peso da ideologia no voto. Como fica demonstrado no próprio caso do Real, o plano econômico foi decisivo

para a eleição de FHC. Ocorre, na verdade, uma superposição de fatores, em que a ideologia do eleitor é um deles. É fácil entender, porém, que nada soa mais confortável para um conservador do que poder votar em um candidato à direita de Lula e que representa um plano econômico bem-sucedido.

Estes dados poderiam explicar dois eventos da última eleição e apontar para uma tendência futura. Em primeiro lugar, a aliança de FHC com o PFL era inevitável e estrategicamente correta, uma vez que o espaço à esquerda já estava tomado por Lula e era necessário sinalizar para os eleitores mais conservadores que FHC era um candidato confiável. Em segundo, a rejeição a Lula não é propriamente uma rejeição a Lula e sim à esquerda. Daqui para frente, no entanto, começa uma nova rodada política. Se admitirmos o peso decisivo do Real na eleição de FHC, é no sucesso do plano que estarão depositadas as chances de popularidade do governo e, por causa disso, de boa parte do seu êxito. É provável que a volta da inflação seja, dessa maneira, o ponto crucial da próxima etapa, ficando tudo o mais em plano secundário.

O AUTOR

André Singer é prof.
de Ciência Política
da USP e editor
sênior da revista
Superinteressante.

